



**Instituto Superior de Ciências da Educação
ISCED – Huíla**

**O Papel e o Lugar da Tradição Oral nas Sociedades Africanas:
Contextualização da Cultura Ovimbundu do Huambo**

Autora: Ema Celina Sanjambela

**Lubango,
2022**



Instituto Superior de Ciências da Educação
ISCED – HUÍLA

**O Papel e o Lugar da Tradição oral nas sociedades africanas:
Contextualização da Cultura Ovimbundu do Huambo**

Trabalho de fim do curso apresentado para a
obtenção do grau de Licenciado em ensino de
História

Autora: Ema Celina Sanjambela

Orientador: Msc. Mário Ilda Simão

Lubango,

2022



**Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla
ISCED – Huíla**

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA

Tenho a consciência que a cópia ou plágio, além de poderem gerar responsabilidade civil, criminal e disciplinar, bem como reprovação ou retirada do grau, constituem uma grave violação da ética académica.

Nesta base Eu, Ema Celina Sanjambela estudante do instituto superior de ciências da educação da Huíla (ISCED-HUÍLA) curso de ensino da História do departamento de ciências sociais, declaro, por minha honra ter elaborado este trabalho, só e somente com o auxílio da bibliografia que tive acesso e dos conhecimentos adquiridos durante à minha carreira estudantil e profissional.

Lubango, 2022

Ema Celina Sanjambela

Dedicatória

Dedico este trabalho especialmente aos meus progenitores Paulo Sanjambela e Ana Chilombo Caluassi, por tudo quanto tem sido e feito por mim. Aos meus irmãos, familiares e amigos que directa ou indirectamente, fizeram com que este sonho se tornasse realidade.

Agradecimentos

Exprimo os meus sentimentos de gratidão primeiramente a Deus pela Vida Saúde e Protecção a me concedida ao longo desta jornada formativa.

Aos meus Progenitores Paulo Sanjambela e Ana Chilombo Caluassi pelo apoio e força incondicional a mim prestada desde o Ensino de Base até aqui.

Aos meus Padrinhos Azevedo e Filomena Bango, por tudo o quanto fizeram para que este sonho se tornasse uma realidade.

Aos meus irmãos Ezequias, Hélder e Daniel Sanjambila pela força e apoio que me consideram. Estendo também os meus agradecimentos aos meus irmãos Israel, Leonilde, José, Etelvina e Nivaldia, por estarem comigo nos bons e maus momentos desta jornada.

Ao meu amado noivo também vai os meus agradecimentos, por tudo que fez para me ajudar a concretizar este sonho.

E como não podia deixar de ser, agradeço também aos meus colegas do curso de História diurno, geração 2017/2021 e fazerem parte da minha vida académica, e hoje somos não apenas colegas mas uma família. Foram 4/5 anos de muita batalha e durante este período pude sempre contar com eles, colegas como eles só mesmo eles.

Cheguei ao fim da minha formação porque tive professores que fizeram parte deste ciclo formativo, estudei desde o 1º ao 4º Ano, aos quais estive também os meus sentimentos de gratidão. Pois estou saindo desta instituição diferente do que um todo.

Ao professor Mário Ilda Simão, vai os meus profundos agradecimentos, por ter aceite acompanhar meu trabalho do fim do curso, desde a elaboração do anteprojecto a monografia. Que Deus o abençoe eternamente.

Em fim a todos de uma forma directa ou indirecta contribuíram para a concretização desde grande sonho.

Resumo

O presente trabalho visa abordar sobre o papel e o lugar da tradição oral nas sociedades africanas: contextualização da cultura Ovimbundu do Huambo. Assim, como objectivo geral traçou-se: Compreender o papel e o lugar da tradição oral nas sociedades africanas; do qual retirou-se os seguintes objectivos específicos: descrever o papel da tradição oral nas sociedades africanas; contextualizar a tradição oral nas sociedades Ovimbundu; perceber o papel da tradição oral na construção e preservação da cultura Ovimbundu dos povos do Huambo; Explicar o papel social e cultural dos anciãos dentro da comunidade Ovimbundu na província do Huambo.

A abordagem utilizada foi qualitativa com o recurso aos métodos histórico, comparativo e as pesquisas documentais e bibliográficas. Outrossim, fez-se recurso a técnica de entrevista que auxiliou-nos na recolha de informações relativamente ao presente trabalho.

Contudo, compreendemos que vivemos numa sociedade grafocêntrica pautada em valores ocidentais que privilegia a escrita em detrimento da oralidade, gerando hierarquias e desigualdades.

Abstract

The present work to aim approach about the role and space of the oral tradition in african society: contextualization of the Ovimbundu culture of the Huambo province.

Thus, as objective general we trace: to understand the role and space of the oral tradition in african society; after this we take out the objective especific: describe the role of the oral tradition in african society; contextualization the oral tradition in Ovimbundu society; understand the role of the oral tradition in the constrution and preserve of Ovimbundu culture of the people of Huambo province; to explain the role ancient inside Ovimbundu community in the Huambo province.

We use qualitative aproach with resort the historic method, comparative and the document research and bibligraphic. Thus, we use the interview technic wich help us in recovery of the information about the present work.

Therefore, understand that we live in society who the most important is the undewriting validaty in wester society to the detrimento of the arality incitement hierarchy na inequity.

Key Word: Tradition, Ovimbundu, Huambo.

Índice

Dedicatória.....	i
Agradecimentos	ii
Resumo.....	iii
Abstract.....	iv
INTRODUÇÃO	1
Justificação do Tema	2
Problema de Investigação.....	2
Objecto da Investigação.....	2
Objectivo Geral	2
Objectivo Específicos.....	2
Definição dos conceitos - chave	3
Opção Metodológica	3
Método Comparativo.....	4
Método Histórico	4
Técnicas de Pesquisa	4
Entrevista	5
Tipos de Pesquisa.....	5
Pesquisa Bibliográfica.....	5
CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	6
1.1 - Estado da Arte	6
1.2 - Breve Caracterização da Cultura Africana.....	8
1.2.1 - As Sociedades Africanas e a Oralidade.....	10
2.2 - Os Griots e a Oralidade	14
2.3 - O Colonialismo e a Cultura Africana	17
1.3.1 - A Língua como Elemento de Identidade Cultural.....	19

1.4 - A Política do Assimilacionismo	22
CAPÍTULO II: A TRADIÇÃO ORAL NA CULTURA OVIMBUNDU DO HUAMBO	26
2.1 - Localização Geográfica da Província do Huambo	26
2.2 - A Tradição Oral como Fonte Histórica	26
2.2.1 - Os Ovimbundu e o Respeito pela Oralidade.....	29
2.2.2 - O Valor da Palavra nas Comunidades Ovimbundu.....	33
2.3 - O Ancião e o seu Papel dentro da Comunidade Ovimbundu.....	35
Conclusão	39
Sugestões	40
Bibliografia	41

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A dinâmica do mundo rumo ao desenvolvimento tecnológico cria na mundividência actual a denominada homogeneidade cultural. Mas em contra partida abre espaço a necessidade do regresso as origens identitárias da cultura de um determinado povo. O presente trabalho é resultado de um estudo científico subordinado ao tema: O Papel e o Lugar da Tradição Oral nas sociedades africanas: Contextualização da Cultura Ovimbundu do Huambo.

Abordagem sobre o papel e o lugar da Tradição Oral nas sociedades africanas torna-se um imperativo histórico e um privilégio já que visa exaltar umadas referências identitárias dos povos de Angola e em particular dos Ovimbundu do Huambo.

A identidade cultural é base de orientação dos povos Bantu na sociedade onde estão inseridos, Altuna (2006) na sua obra intitulada Cultura Tradicional Banta afirma que o choque de cultura não pode deixar o africano desenraizado. Há princípios, valores, reflexões e estruturas, que a África negra não pode perder porque constituem a sua especificidade, identidade cultural, o manancial da sua vivência, a sua riqueza humana e moral. O passado colectivo, as raízes de um povo constituem a herança e o património que cada indivíduo e cada comunidade recebem dos antepassados para ser seu alimento, a razão profunda da sua existência.

As Tradições Oraís (T.O) africanas, desde a década de 60, com as independências de alguns dos seus países, vêm se transformando em importantes fontes históricas e ganhando espaço em pesquisas académicas, tornando-se uma fonte interdisciplinar com potencialidades e possibilidades para o conhecimento do universo de saberes, experiências e histórias das populações africanas. Nas sociedades tradicionais africanas as narrativas orais configuram os pilares onde se apoiam os valores e as crenças transmitidas pela tradição e, simultaneamente, previnem as inversões éticas e o desrespeito ao legado ancestral da cultura.

Justificação do Tema

As tradições orais, como documentos, despertam amplo interesse em pesquisas científicas. Pois, vários estudiosos de diferentes campos interdisciplinares apostam nelas como fonte de pesquisa fidedigna pela forma como os sujeitos africanos podem demonstrar e compartilhar suas experiências por intermédio da oralidade, acionando tempos e contextos que, muitas vezes, ultrapassam o tempo vivido e, mais do que o passado e o futuro, buscam dar sentido a suas vidas no presente e construir-lhes significados. Pelo facto da Tradição Oral (T.O) ter sido discriminada por alguns estudiosos ocidentais e ao ficarmos a saber que a mesma, na realidade da história negro-africana, é uma fonte viva e rica de saberes, experiências, vivências e história serviu-nos de motivação para a elaboração da nossa pesquisa.

Problema de Investigação

Gil (2008) argumenta que problema científico é qualquer questão não resolvida, e que é objecto de discussão em qualquer domínio do conhecimento.

Deste modo, para a nossa pesquisa formulamos a seguinte questão: Qual é o papel e o lugar da Tradição Oral (T.O) nas sociedades africanas e em particular na comunidade Ovimbundu do Huambo?

Objecto da Investigação

O papel e o lugar da Tradição Oral na cultura Ovimbundu do Huambo

Objectivo Geral

Compreender o papel e o lugar da tradição Oral nas sociedades africanas

Objectivo Específicos

- ✓ Descrever o papel da Tradição Oral nas sociedades africanas;
- ✓ Contextualizar a Tradição Oral nas sociedades Ovimbundu;
- ✓ Perceber o papel da Tradição Oral na construção e preservação da cultura Ovimbundu dos povos do Huambo;

- ✓ Explicar o papel dos anciãos dentro da comunidade Ovimbundu na província do Huambo

Definição dos conceitos - chave

Tradição Oral: Tradição Oral, Fonte Oral ou conhecimento oral é a tradição transmitida oralmente de uma geração para outra. As mensagens ou testemunhos são verbalmente transmitidas em discurso ou canção e podem tomar a forma, por exemplo, de contos, provérbios, baladas, canções ou cânticos. (Pessoa, 2019).

Ovimbundu: são uma etnia Bantu de Angola. Eles constituem 37% da população do país e falam o umbundo. Os seus subgrupos mais importantes são os Mbalundu, os Wambo, os Bieno, os Sele, os Samba e os Caconda¹.

Huambo: é uma cidade e município de Angola, a capital da província do Huambo. Segundo as projecções populacionais de 2018, elaboradas pelo instituto nacional de estatística, conta com uma população 815 685 de habitantes e área territorial de 2609 km², sendo o mais populoso município da província, da região central de Angola e o sétimo mais populoso do país².

Opção Metodológica

Podemos entender metodologia como um conjunto de procedimentos no qual os questionamentos são utilizados com critérios de carácter científico, para termos fidedignidade dos dados, envolvendo princípios e normas que possam orientar e possibilitar condições ao pesquisador, na realização de seus trabalhos, para que o resultado seja confiável e tenha maior possibilidade de ser generalizado para outros casos (Casarotto e Dill, 2006, p.12).

Para o estudo que levamos a cabo, utilizamos os seguintes métodos:

¹ Www. Com, Google, acessado no dia 3 de Abril de 2021, as 20:50

² Www. Com, Google, acessado no dia 31 de 2021, as 13:00

Método Comparativo

Considerando que existem semelhanças e diferenças nos estudos dos diferentes tipos de grupos, sociedades ou povos contribui para uma melhor compreensão do comportamento humano, este método realiza comparações com a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências. O método comparativo é usado tanto para comparações de grupos no presente, no passado, quanto entre sociedades de iguais ou de diferentes estágios de desenvolvimento (Lakatos, 2011, p.92). Com este método, pretendemos fazer uma análise comparativa relativamente a importância e valorização da Tradição Oral dentro da cultura Ovimbundu, com particular realce na província do Huambo, com as demais regiões do continente africano; para melhor compreensão do presente estudo.

Método Histórico

O método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram a sua forma actual por meio de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. Seu estudo, para uma melhor compreensão do papel que actualmente desempenham na sociedade, deve remontar aos períodos de sua formação e de suas modificações (Boas *apud* Lakatos, 2011, p.93).

O método histórico possibilitou-nos fazer um breve recurso a história, e o lugar da oralidade no continente africano. Sobretudo na cultura Ovimbundu do Huambo.

Técnicas de Pesquisa

As técnicas são um instrumento de trabalho que viabiliza a realização de uma pesquisa, um modo de se conseguir a efectivação do conjunto de operações em que consiste o método, com vista à verificação empírica e confrontação do corpo de hipóteses com a informação colhida na amostra. (Pardal e Lopes, 2011, p.70).

Para o nosso trabalho, fizemos recurso a entrevista como instrumentos que ajudou-nos na recolha de dados.

Entrevista

A entrevista é uma conversação efectuada face a face de maneira metódica e seu objectivo é o de proporcionar ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária. É, portanto, uma técnica alternativa para se colectar dados não documentados sobre um determinado tema. Para maior segurança e fidedignidade, elas devem ser gravadas e depois transcritas. Quando utilizadas para comprovação de dados ou complementação de trabalhos académicos devem figurar como apêndices do trabalho de pesquisa (Martins, 2010, p. 88).

Tipos de Pesquisa

Pesquisa Bibliográfica

Pesquisa bibliográfica é a etapa da pesquisa em que o pesquisador faz a busca dos referenciais teóricos pertinentes à questão-problema do seu estudo. Essa busca é realizada em materiais como livros, periódicos e jornais científicos impressos ou digitais localizados em bibliotecas ou em base de dados (Moura, 2015, p.10).

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 - Estado da Arte

A presente pesquisa, visou sobretudo analisar o papel e o lugar da Tradição Oral nas sociedades africanas fazendo-se uma contextualização na cultura Ovimbundu do Huambo. Nesta conformidade, para darmos respostas satisfatórias aos objectivos traçados, e dar suporte à nossa investigação, recorreremos a alguns autores que já fizeram trabalhos ligado a temática em causa. Dentre os quais destacamos:

Lima, Nascimento & Oliveira (2009), Bâ *et al* (2010), Ribeiro, Mourão & Queiroz (2016), Cavalcante & Xavier (2017), Pessoa (2019), Duarte (S/D).

Na obra com o título: *Griots, Cultura africanas, Linguagem, Memória e Imaginário* (2009), Tania Lima, Izabel Nascimento & Andrey Oliveira, ao abordarem sobre a tradição oral, afirmam que a longa-metragem remete-nos a discussões sobre a ancestralidade e a oralidade nas sociedades africanas, onde a palavra tem um carácter sagrado, derivado de sua origem divina e das forças nelas depositadas; a tradição oral, constitui um valor inestimável dentro das sociedades africanas. A obra destes autores, serviu-nos de suporte para a fundamentação do nosso trabalho.

Amadou Hampaté Bâ *et all* (2010), na obra *História Geral de África I*, lançado pela Unesco, diz que quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África.

Roberto da Silva Júnior (2015), na sua obra "*Fontes orais em Pesquisas Educacionais*" diz que a tradição oral trabalha a memória coletiva e não se encaixa na discussão de entrevistas. A tradição depende de entendimentos entre os fundamentos míticos, rituais e vida material de grupos. A história oral temática

possui um caráter documental e volta-se para um tema específico. A subjetividade não está tão presente, embora não totalmente ausente.

Ana Elisa Ribeiro, Fernanda Mourão & Sônia Queiroz (2016), no livro com o título: *A Tradição Oral*, afirmam que a palavra é, junto aos bantu, uma instituição muito complexa. É ela que regula a vida social e comunitária. Engloba tantos aspectos da vida cotidiana, que seria muito difícil encontrar uma boa definição para ela. Sendo a um só tempo expressão das crenças religiosas e a mais elevada de todas as instituições sociais e políticas, a palavra bantu é também, e essencialmente, uma espécie de tribunal de júri. As ocasiões de palavra são tão numerosas na vida do indivíduo que todo o grupo ficaria bloqueado se não se hierarquizassem as causas das Palavras para limitar os participantes.

Ana Cavalcante & António Xavier (2017), no seu artigo com o título: *História oral e tradição oral africana: a construção de saberes*. Apontam que, a tradição oral precisa ser valorizada, evidenciada e rebuscada por historiadores por meio de suas pesquisas científicas, pois dessa forma as fontes orais não correm o risco de se perder, ou de ficarem fragilizadas dentro desse contexto tecnológico, onde a cada dia se descartam saberes fundamentais ligados a comunicação, a interação social e oral entre as pessoas.

Mônica Pessoa (2019), no seu artigo com o título: *A Tradição Oral africana como fonte histórica*, abordando sobre a tradição oral diz que se o passado e as experiências no presente são extremamente importantes para refletir sobre as evidências históricas dos testemunhos orais, as tradições orais são capazes de sugerir outras vozes para interpretar o próprio mundo e as aspirações das sociedades colonizadas. A palavra não é somente o que se fala; é munida de um poder nas dimensões espirituais, sociais e políticas que regem a vida dos indivíduos das sociedades africanas.

Zuleide Duarte (Sd), no seu artigo com o título: *A Tradição Oral nas Sociedades Africanas*, afirma que nas sociedades tradicionais africanas as narrativas orais configuram os pilares onde se apoiam os valores e as crenças transmitidas pela tradição e, ao mesmo tempo, previnem as inversões éticas e o desrespeito ao legado ancestral da cultura. A performance que acompanha essas narrativas

responde pela actualização constante dos ensinamentos, tornando-se exercício vivo e interativo entre os membros da sociedade.

Contudo, verifica-se ainda que a literatura oral angolana é ainda um campo de estudo muito pouco explorado e é nessa perspectiva que a pesquisa neste âmbito se afigura importante.

1.2 - Breve Caracterização da Cultura Africana

A cultura africana, nos diz que, a África possui uma longa história que não começa basicamente com a colonização nem com a sua independência. Talvez nestes dois últimos períodos, pela acção das forças exteriores, o continente viu-se desprovido de grande parte dos seus valores tradicionais, e a África perdeu uma boa dose da sua identidade. Todavia, não foi assim no seu percurso histórico anterior onde a sua cultura foi muito brilhante e deu origem a vastos processos políticos. A colonização, a exploração e saque das potências europeias, prejudicou de que maneira a evolução do continente africano, uma vez que tirou-lhes a sua força mais produtiva (Lukamba, 2017).

De uma maneira geral, é possível afirmar que os países imperialistas, dentre os quais Portugal, pretendiam com o colonialismo empreender além da exploração económica, uma política de despersonalização cultural dos povos dominados, chegando ao limite de desliga-los do seu passado e afastá-los de sua própria história. Os africanos, que estavam ligados com a sua própria cultura, hábitos e os seus costumes, eram convocados a assumir o repertório de conhecimentos e saberes do outro como sendo seu (Chaves. 2004, p.149).

Segundo Binja (2020), as culturas bantu passam por uma crise significativa, como reflexo do longo tempo de colonização e por consequência dos processos de globalização. A tradição oral, na África negra, tornou-se um símbolo, por isso, instrumento de resistência e preservação da identidade cultural.

Ainda na perspectiva de Binja (2020), a cultura africana, de um modo geral, na música, nas artes plásticas literatura ou dramaturgia, desenha o perfil de uma terra cujo sentido e identidade se busca, entre a marca que a história lhe imprimiu e o humano que se busca a si próprio.

Para Pereira (2016), a cultura tem que ser tratada como uma questão educacional, como uma questão de organização social. A cultura, neste momento, é extremamente importante, e ela tem que perpassar todo o processo educacional. A grande diversidade cultural africana advinda com os escravos foi trazida de inúmeros locais e de diferentes grupos como os Bantu, Magôs e Jejes, cada qual com sua tradição.

A cultura africana ou aspectos da cultura africana não se restringe ao nosso continente, ela existe e é uma parte de várias culturas fora de África é caso do continente americano e em particular o Brasil.

A cultura africana está presente em vários segmentos de nossa sociedade e, pela falta de uma abordagem mais realista, muitas pessoas desconhecem estes factores. Esta cultura está inserida na linguagem, comidas, músicas, religiões, entre outros. Reconhecer a “cultura afro” como elemento importante de nossa cultura e sociedade é reconhecer a nossa própria história, uma vez que se encontram interligados com a construção do Brasil (Mello e Souza, 2008, p.132).

No entanto, Dubiela e Wambier (2016), afirmam que a cultura africana sofreu muitas influências europeias, principalmente portuguesa e indígena, onde havia uma grande mistura dos seus costumes. Pode-se perceber traços fortes da cultura africana em diferentes áreas e estados brasileiros, tais como, na música, religião e culinária. Não se pode deixar de estudar e refletir acerca da cultura africana, grande parte das coisas que fazem parte do dia-a-dia são advindas dessa cultura, mas muitas vezes não se tem conhecimento disso. Este conhecimento depois de ser adquirido pode ajudar a combater o racismo e os preconceitos raciais.

De retorno a abordagem específica sobre a cultura africana em África, Kouyaté (1994), diz que através da tradição oral podemos descobrir o pensamento do negro Bantu e os seus comportamentos individuais e sociais, considerando que a riqueza espiritual, os valores didático-pedagógicos e históricos, bem como o vocabulário valorativo e o variado poder de expressão estão todos inscritos na tradição do texto oral. Só através da afirmação da identidade é possível afirmar a diferença, garantindo às nações vítimas do processo de colonização a preservação de valores tradicionais tão longamente negados.

Retomando Binja (2020), ainda sobre a temática diz que nas culturas bantu, à medida que a palavra dinamiza a vitalidade da comunidade, também actualiza e presentifica os antepassados; fortifica a solidariedade já que, cheia de vida, é transportada pelas gerações por um laço que congrega os vivos aos ancestrais. A cultura africana é predominantemente oral e as histórias contadas constituem um meio para perpetuar tradições e costumes. Essa pedagogia da ancestralidade foi trazida por representantes de diversos povos africanos.

A cultura africana transmite-nos saberes, experiências e valores que devem ser assumidos e preservados para a afirmação identitária e histórica das sociedades africanas.

1.2.1 - As Sociedades Africanas e a Oralidade

Pretendemos fazer um enquadramento da questão da oralidade nas sociedades africanas. A mesma dada a sua importância acaba por ser um meio ou estratégia que serve para veicular e reportar a cultura dos povos da África negra.

Para Pessoa (2019), as culturas orais, são fontes de conhecimento para refletir as histórias de experiências e culturas africanas, deixaram de ser menos importantes que a escrita das sociedades e se tornaram fruto de vivências profundas de africanos que, através delas, compartilham, transmitem e renovam suas ações traduzidas em contos, performances, artes, saberes e ofícios atualizados para se adequarem às políticas do tempo presente; as sociedades africanas valorizam e sempre se importaram com a oralidade.

Para Bâ (2013, p.61), em Amkoulleu, a oralidade então é abordada nas sociedades africanas relacionando-a com o conhecimento, a honra e a experiência. Todas estas características estão interligadas. As narrativas têm a questão da honra relacionada com a dignidade dentro destas sociedades africanas. “ Ele atribui a sua palavra a um valor religioso para não dizer supersticioso. Para ele mentir ou se desdizer, não era só marca da covardia indigna, mas pecado grave contra a lei divina³”.

³ Abraão Jordan, entrevista concedida no dia 10 de Março de 2022, às 14:40.

Monteiro (2014), seguindo um pensamento semelhante diz que as sociedades africanas em geral, e muito em particular a África subsariana, são essencialmente sociedades da palavra falada. Mesmo quando a escrita existe, e apesar de séculos de colonização, a oralidade continua a ser parte integrante da comunidade e do indivíduo, sendo constitutiva da própria identidade individual e colectiva. É elemento crucial para a transmissão e preservação da tradição e da sabedoria dos povos, legada pelos antepassados de geração em geração, de boca em boca ao longo dos séculos. A tradição negro-africana baseia-se na palavra; é essencialmente oral.

Segundo Júnior (2014), na tradição oral encontra-se um relevante repositório dos saberes herdados e reconstituídos dos legados civilizatórios de povos e culturas milenares, o que já remete a uma anterioridade histórica que precisa ser reconhecida como um lugar de enunciação e anunciação que continua se expressando diante das mononarrativas estabelecidas pelo ocidente no propósito da dominação: escravatura e colonização, sendo que os processos de colonização epistemológica permanecem nessa práxis.

A oralidade desperta a memória dos humanos, onde se resgata os saberes, as conquistas dos povos do passado para aqueles que estão começando, isto é, as novas gerações. As sociedades africanas que estão a ser abordadas neste trabalho servem-se da oralidade como parte importante e como documento histórico para resgatar e preservar sua história⁴.

Vansina (1985), entende a tradição oral nas sociedades africanas, como produto, justificando sua produção no seio dos grupos sociais por meio das experiências no tempo. São histórias que circulam por várias gerações como resquícios do passado mas não só do passado, nem feitas apenas de narrativas: elas refletem problemas contemporâneos, éticos e morais. Todas as mensagens aparecem no cotidiano actual e refletem ideias ou concepções de outros tempos, da mesma forma que os conhecimentos dos ancestrais. As tradições orais são uma fonte necessária e legítima para a produção histórica.

Dada a sua relevância repetimos uma parte da citação de Bâ (2013):

⁴ Professor Fernandes Viye, entrevista concedida no dia 26 de Fevereiro 2022, as 14:20.

A oralidade então é abordada nestas sociedades africanas relacionando-as com o conhecimento, a honra e a experiência. Todas estas características estão conectadas. As narrativas têm a questão da honra relacionada com a dignidade dentro destas sociedades africanas. Observa-se que nestas sociedades africanas tradicionais citadas nas narrativas elas tomavam decisões, adquiriam conhecimentos através dos conselhos, onde eram reunidas as pessoas mais influentes as mais velhas e experientes também, que passavam suas práticas adquiridas ao longo do tempo (Bâ, 2013, p.61).

Segundo Mudimbe (2013), *apud* Pessoa, (2019), afirma que existe a problemática de uma produção histórica contada apenas de acordo com os propósitos dos colonizadores europeus, de um lado, e, por outro, a necessidade de tratar o conhecimento africano como legítimo e capaz de se fazer por si só, pois, por muito tempo, ele foi dominado pelas influências de uma historicidade judaico-cristã que excluía as preocupações e expressões do conhecimento e contribuições das populações africanas, suas heranças culturais e o reconhecimento de todo legado histórico como instrumento sólido, fiel às realidades políticas e filosóficas do passado africano e a suas incidências no presente. A oralidade nas sociedades africanas, tem enorme valor, ela faz reviver o passado solidificando assim, os saberes endógenos.

Para Souza (2017), em uma sociedade onde existe a tradição oral, a palavra ocupa um lugar de grande importância porque serve de canal para se comunicar, se expressar, aprender e resgatar ensinamentos de seus ancestrais.

Retomando a posição de Souza (2017), nestas sociedades a transmissão verbal dos conhecimentos se dá por meio principalmente dos mais velhos das comunidades, pois eles trazem as experiências para os mais jovens. A tradição oral então envolve um todo para estas sociedades africanas, elas trazem uma bagagem cultural que abrange toda a sua origem, todo o conhecimento. Ela vai muito além, traz consigo o cotidiano desses povos que envolve o presente e o passado em um mesmo espaço de tempo.

Para Altuna (2014), através da tradição oral, a sociedade explica-se a si mesma; daí que, a história oraturizada dos Bantu aproxima-se a uma verdade ontológica, ou melhor, ela fixa o olhar da pessoa nas questões ontológicas ignoradas pela história científica das sociedades ocidentais e dita civilizadas. Contudo, a narração

reveste-se com significados que mobilizam e configuram a comunidade, é acompanhado pelo ritual próprio, reeditando o mundo ideal das acções justas e dos heróis da tradição que não se analisam pela óptica ocidental.

Segundo Cavalcanti e Xavier (2017, p.5), o valor moral na África é bem representado pela tradição oral, por meio da escola da vida que vive imerso a saberes orais, que vão sendo ampliados a medida em que vivenciam o processo de troca com os mais sábios, aqui destaca-se os tradicionalistas-doma que detinham a palavra, e seu vasto conhecimento era bem apresentado em suas arguições. Outro aspecto de grande destaque, é a importância da autenticidade da transmissão dos saberes na cultura africana, haja vista, que fazia parte da tradição, a proibição da mentira, pois esta, comprometia os rituais. Ser detentor da palavra, era de grande responsabilidade, e exigia respeito, disciplina, equilíbrio e memória.

Através da tradição oral podemos descobrir o pensamento do negro Bantu e os seus comportamentos individuais e sociais, considerando que a riqueza espiritual, os valores didático-pedagógicos e históricos, assim como o vocabulário valorativo e o variado poder de expressão estão todos catalogados na tradição do texto oral. O discurso, nessa tradição, pela força evocativa, não se presta a banalidades verborrágicas e ideológicas, no entanto, transmite o essencial. Explicita-se como um sistema de auto-interpretação da comunidade por intermédio de seus membros Binja, (2014, p.04).

Bâ (2013) *apud* Suzana (2017), a tradição oral conduz o homem à sua totalidade e, em virtude disso, pode-se dizer que contribuiu para criar um tipo de homem particular, para esculpir a alma africana. Uma vez que se liga ao comportamento quotidiano do homem e da comunidade, a cultura africana não é, no entanto, algo abstrato que possa ser isolado da vida. Ela envolve uma visão particular do mundo, ou, melhor dizendo, uma presença particular no mundo, um mundo concebido como um todo onde todas as coisas se religam e interagem.

No entanto, podemos compreender que, numa sociedade oral, o carácter místico e sagrado anda junto e os detentores da palavra conseguem tratar disso muito bem, através dos cantos, orações, e cerimónias que acontecem nas sociedades. De uma forma peculiar o conhecimento e o saber são passados para os seus povos.

2.2 - Os Griots e a Oralidade

Temos a plena noção que o termo griot tem uma localização e enquadramento específico numa região e história de África negra. A sua abordagem aqui é feita com o intuito de expressar a sua importância e acima de tudo pelo facto da sua essência e funções serem praticamente comuns na África negra.

Os griots estão ligados a animação pública, se dividem em categorias que passam pelos que são responsáveis pelas músicas e canções tradicionais que tocam, são também responsáveis por mediações e estão sempre ligados a família de nobres, e os genealogistas historiadores e poetas, que em geral são grandes contadores de histórias e grandes viajantes Bâ (2010, p.194).

Para Filho e Alves (2018), para uma sociedade permanecer cultivando as tradições orais, mesmo com o surgimento da escrita, é porque suas bases foram alicerçadas com o forte apelo oral e este aspecto tem um significado relevante em sua constituição. Aponta que a construção do seu legado foi solidificada de maneira relevante, firmado na oralidade, pelas primeiras gerações tendo continuidade com as sucessoras. Isto sugere que, o que é tradição para um povo, permanece sendo, diante sua importância, pois revela e preserva suas origens

Ainda na perspectiva de Bâ (2010, p. 205), *apud* Covalsk, (2017), os griots tomaram parte em todas as batalhas da história, ao lado de seus mestres, cuja coragem estimulavam lembrando-lhes a genealogia e os grandes feitos dos antepassados. Para o africano, a invocação do nome de família é de grande poder. Outrossim, é pela repetição do nome da linhagem que se saúda e se louva um africano. Neste sentido, os griots participam efectivamente da história dos grandes impérios do Bafur, e o papel desempenhado por eles merece um estudo de bastante profundidade.

Em uma sociedade oral, este carácter místico e sagrado anda junto e os detentores da palavra conseguem tratar disso muito bem, através dos cantos, as orações, e

cerimônias que acontecem nas sociedades. De uma forma peculiar o conhecimento e o saber são passados para seu povo⁵.

A preservação da tradição na memória colectiva da chamada África negra deve muito aos griots, aos mestres da palavra, aos sábios, aos curandeiros, aos iniciados e aos mais velhos; são eles que a revitalizam no seio da comunidade para a posterioridade.

Como afirma Altuna (2006, *apud* Monteiro 2014). Os griots conhecem milhares de contos, de provérbios, de lendas e de mitos. São eles que fixam as listas genealógicas, as migrações, as epopeias e as guerras. Nunca esquecem os usos, ritos, crenças e costumes. Eles asseguram que a memória colectiva se mantenha viva e actuante.

Souza (2017, p.9), diz que, uma vez que a sociedade africana está fundamentalmente baseada no diálogo entre os indivíduos e na comunicação entre comunidades ou grupos étnicos, os griots são os agentes totalmente activos e naturais nessas conversações. Autorizados a ter duas línguas na boca, se necessário podem se desdizer sem que causem ressentimentos. Isso jamais será possível para um nobre, a que não se permitem voltar atrás com a palavra ou mudar de decisão.

Os Griots, são chamados de Djeli entre os mandes, Guewel em woloof e gawlo entre os Toucouleurs. Djeli, significa sangue, o que explica o fato de que esses poetas músicos da África subsaariana estão ligados por herança de função, isto é, pelo sangue. Eles herdam a função de griot de seus pais. Assim também, como o sangue que transmite a saúde ou a doença aos órgãos do corpo, os griots exerciam sua influência sobre as pessoas da comunidade onde viviam. É a arte de usar as palavras que lhes dava este poder. Os griots recebiam, também, da tradição a liberdade de expressão. Eles podem embelezar a verdade, eles podem fazer piadas, rir e brincar com as pessoas e situações, sem quaisquer problemas, porque as pessoas já conheciam essa prática. Eles podem, por vezes, dizer mentiras, ser

⁵ Ernesto Januário, entrevista concedida no 17 de Março de 2022, as 15:20.

atrevidos e ninguém os condenará. Isso é o que o Dieli disse! Esta não é a verdade, mas nós os aceitamos, assim mesmo (BÂ, 2010, *apud* Santos, 2014).

No entanto, Niane (1982, p. 6), diz que, na África antiga, os griots eram os conselheiros dos reis, conservavam as constituições dos reinos exclusivamente graças ao trabalho de sua memória. Os griots, são sacos de palavras, o repositório que conserva segredos multisseculares. A arte da palavra não apresenta qualquer segredo para eles; sem eles, os nomes dos reis cairiam no esquecimento; eles são a memória dos homens; por intermédio da palavra, dão vida aos factos e façanhas dos reis perante as novas gerações.

Os griots aparecem nos relatos de viajantes franceses no final do século XVII e início do século XVIII. Primeiramente, foram vistos como músicos e poetas, depois, como historiadores, conhecidos como tradicionalistas ou genealogistas, responsáveis pelas epopeias e, através de suas memórias, guardavam um saber social, enriquecidos pelas músicas e contos. Esses “mestres da palavra” eram membros importantes da antiga sociedade bem hierarquizada, detinham uma tradição histórica, tendo a função de artistas, pelas suas lendas e epopeias, munidas de uma “tradição oral”, sendo suas práticas, mais arte que ciência (Camara, 1992 *apud* Pessoa, 2019, p.15).

Segundo Lima, Nascimento e Oliveira (2009, p.118), o trabalho dos griots, mestre das palavras, sempre foi a preservação da memória de seu povo, a transmissão dos saberes, como sacos invioláveis de palavras, portadoras de segredos seculares. Causadores de medo porque filhos e netos das canções que não mentem, no entanto, verdadeiros punhais ardentes. O que falta aos historiadores é analisarem com mais respeito as coisas que nos foram contadas e continuam a prevalecer entre as conversas comunitárias, de sociedades que ainda se encontram entre discursos históricos paralelos que se interpenetram às vezes, mas que podem também estar lado a lado sem se tocar, pondo em enxergo o difícil trabalho do historiador numa sociedade oral.

Almeida (2016) *apud* Covalski, (2017, p.22), falando dos griots, afirma que os griots, contadores da história, verdadeiros cronistas sociais, a eles é concedido o “embelezamento da verdade” e eles dividem-se, em três categorias principais: os griots músicos, que são em sua maioria compositores e cantores de músicas antigas; os griots “embaixadores”, ligados à sujeitos e famílias nobres neste caso os griots interpolam possíveis desavenças familiares e transmitem informações a

nível mais pessoal; e, finalmente, os griots genealogistas, historiadores ou poetas, que são mais independentes, viajantes e contam histórias de diferentes ramos. O seu papel dentro das sociedades africanas é de levar e contar a história das comunidades locais, para o fortalecimento do saber endógeno.

Depois de a modernidade ter assinalado a hegemonia do racionalismo, evidenciando, deste modo, o culto à experiência individual, a que traz em seu bojo aspectos como o prestígio da cultura escrita, a oralidade procurou resistir, assegurando seu lugar de importância nos falares antigos dos contadores de histórias, os griots, que se nos apresentam como “memória viva” ao recuperarem narrativas que cumprem o papel de transmitir saberes antigos que povoam a sociedade africana e ajudam, ainda hoje, pelos fios da continuidade, a tecer o curso da história (Ramos, 2011, p.10).

Como já referido a designação de griot é específica de uma região e história de África. No entanto, a sua essência e função pode ser generalizado nas sociedades negras- africanas. Podemos compreender que o uso da oralidade tem uma clara participação nas sociedades africanas.

2.3 - O Colonialismo e a Cultura Africana

Em relação a esta temática Binja, (2014, p.19) diz que as culturas africanas, passam por uma crise significativa, como reflexo do longo tempo de colonização e por consequência dos processos de globalização. A tradição oral, na África negra, tornou-se um símbolo, por isso, meio de resistência e preservação da identidade cultural. Os negro-africanos na diáspora juntam forças com outras identidades afro pela afirmação dos valores socioculturais africanos, que foram em alguns casos se perdendo devido o duro golpe do colonizador.

Segundo Kanitz (2014), *apud* Binja, (2014,p.15) a colonização europeia de forma violenta cuidou em demonizar as culturas africanas, nas colónias, enquanto sacralizava as próprias culturas. Impôs a sua e evitou esforços em apagar as culturas demonizadas. Com a necessidade de controlar as colónias, criou um sistema rígido de registro civil em que os nomes dos colonizados foram trocados e recusados. Ao assimilar a cultura do dominador, a nomeação e os seus critérios

vão mudando e não é de estranhar que para isso, até o século XVI, as pessoas eram identificadas com apenas um nome.

No entanto, Sousa (2013), diz que a África não é assaltada apenas na sua soberania e na sua independência, mas também em seus valores culturais. Neste quesito, é importante reconhecer que desde os primeiros contactos com os europeus, havia uma luta constante à chance de reviver antigas características locais. O tráfico de escravos seguido de um poder hegemónico colonial contribuiu para uma dominação totalitária, a qual optou por uma destruição deliberada das recordações e da cultura africana.

A maior preocupação do poder colonial era, compreensivelmente, apagar as tradições autóctones tanto quanto possível para instalar no seu lugar suas próprias ideias. As escolas, seculares ou religiosas, constituíram os instrumentos essenciais desta ceifada. A ancestralidade é como um espelho, reflexo dos feitos e valores culturais para que as gerações conheçam seu passado, na metamorfose de novos sujeitos que buscam nele e em seus patrimónios culturais fonte de inspiração para guiar as novas práticas no presente, tendo como base histórias, contos, canções, genealogias e ofícios transmitidos de boca a ouvido, fundamentais para a organização social e a sobrevivência das culturas africanas que foi por muito tempo desvalorizada pelo opressor (Pessoa, 2017, p.22).

Segundo Mbembe, (2017), *apud* Meneses, (2018, p.3), a colonização epistémica, a imposição, pela força, de uma forma única de experimentar e pensar o mundo é outro dos vetores da acção política das potências colonizadoras. Como resultado, as mentes dos colonizados foram dominadas de tal forma que mentalizaram a ideologia da superioridade eurocêntrica, passando a desprezar as suas culturas e histórias, que assumem ser agora sinónimo de atraso. A colonização destruiu e fez o africano em parte, desvalorizar a sua própria cultura.

Segundo Sabonete (2010), as observações que os mais velhos fazem sobre o comportamento dos colonos ou dos agentes da administração colonial revelam que o uso das referidas línguas era proibido sobretudo nos meios urbanos sob pena de arrancar suas raízes e os levar ao estatuto de assimilados que pressupunha algumas mudanças não apenas nas suas condições de vida como também no relacionamento com o colono em detrimento das relações com o grupo de origem.

Pinto (S/d), diz que em 1925 o governo português, decretou a proibição das línguas africanas no ensino. Com a exclusividade do português, pretendia-se a integração dos africanos na sociedade e na cultura portuguesa e o combate aos possíveis avanços de outras potências europeias. As culturas africanas, os seus hábitos e costumes foram desprezados e abandonados pelo opressor.

Para Filho e Dias (2014), o colonialismo foi mais do que um sistema de exploração económica e de dominação política, podendo mesmo ser entendido como um modo de percepção do mundo e de enquadramento da vida social. Mesmo quando relativamente bem estruturadas, as políticas coloniais precisavam lidar com os desafios reais das condições locais, que significavam muitas vezes um esforço continuado para a manutenção da vida em situações adversas como os constrangimentos impostos pelo meio ambiente

Podemos perceber que colonização no geral e em particular a portuguesa prejudicou a cultura e as famílias africanas. A colonização não apenas se preocupava com a dominação política e exploração económica mas também com a subalternização da cultura dos africanos.

1.3.1 - A Língua como Elemento de Identidade Cultural

A língua é um dos elementos identitários de um povo. Ela é ao mesmo tempo cultura e veículo de transmissão da mesma. Nesta secção abordamos a língua como factor de identidade e também como condição indispensável para a materialização da oralidade nas sociedades africanas.

Segundo Bernardo (2018), a construção da fronteira territorial e linguística em Angola e nos demais países da África começa a ganhar corpo formal e colonial com a Conferência Internacional de Berlim (1884/85). A mesma que tinha como objectivo ajudar a dividir e dominar a África de formas a efectivar a sua exploração. Os países colonizadores, em função dos seus interesses económicos, não consideraram a riqueza socio-cultural, as línguas e os valores de identidade, mas sim promoveram a divisão político-administrativa artificial que desrespeitou as fronteiras existentes entre etnias e culturas. Dividiram entre si o continente africano e, coube a Portugal a colonização de Angola.

Acredito que a busca da identidade, nesse fim de século, define-se pela reivindicação do resgate de raízes específicas, tradicionais, como também pela defesa da oralidade e da língua africana, a fim de que, entre outras coisas, se tente construir uma sociedade que dá mais valor a sua língua, que certamente permitirá, com a destruição de mitos, como rotular a cultura africana de exótica, uma ideia mais próxima daquilo que o homem e a nação representam⁶.

Fiorin (1997), atesta que a língua mostra uma visão de mundo, e pode ser considerada, contudo, uma manifestação de uma cultura, ao necessitar dela para lhe dar suporte. A língua, nesse sentido, ao influenciar uma dada cultura e também por ela ser influenciada faria vez de traço identitário de uma nação com vistas a conferir-lhe um espaço simbólico de identificação. Sabe-se que a língua é um dos traços culturais adquiridos em virtude de um indivíduo integrar um dado grupo social ou comunidade linguística. Assim, acreditamos que muito se tem a explorar no que diz respeito à relação entre cultura e língua, em face da construção de uma identidade cultural.

Para Le Page (1980), a língua se institui expressão da união de um povo e, conseqüentemente, factor de unificação e criador de consciência nacional, as fronteiras culturais podem existir, mas não corresponder necessariamente às fronteiras políticas. A língua constitui-se em uma actividade essencialmente social. O facto de a língua ser condicionada e modelada pela realidade social e cultural faz dela também um índice por excelência de identidade, posto ser ela um determinante territorial e cultural de um determinado povo.

Na perspectiva de Hobsbawn (1998), a língua representa o mundo em que vivemos e, num processo circular, o mundo que vivemos é representado pela linguagem. Se a linguagem permite-nos fazer leituras diferentes e particulares do mundo e seu entorno, isso implica dizer que a forma com a qual lidamos e interagimos em sociedade influem nas manifestações linguísticas e conseqüentemente culturais. Posto ser a partir da manifestação cultural em circunstâncias colectivas que nos autoidentificamos.

⁶ Professor Silva Chiti, entrevista concedida no dia 20 de Março de 2022, as 12:00.

A identidade humana não é obtida de uma vez por todas no nascimento: ela se constrói na infância e, doravante, deve se reconstruir ao longo da vida. O indivíduo nunca a constrói sozinho; ela depende dos julgamentos dos outros quanto suas orientações e das definições de si. A identidade é ao mesmo tempo estável e temporário, individual e colectiva, subjectiva e objectiva, biográfica e estrutural, dos vários processos de socialização que constroem os indivíduos e definem as instituições (Dubar, 1991, p.07).

Já para Severo, (2014) as línguas nacionais, suporte e veículo das heranças culturais, exigem um tratamento privilegiado, pois que constituem um dos fundamentos importantes da identidade cultural do povo angolano. Embora se tenha verificado algumas tendências para a promoção e valorização das línguas nacionais, na prática evidencia-se o contrário: as diversidades culturais e linguística passaram a ser vistas como práticas insignificantes, o que possibilitou a língua colonial continuar a ser um meio de opressão, tornando-se uma fonte de desumanização para os falantes das línguas nacionais.

É necessário, portanto, que o Estado crie políticas no sentido de resgatar e revalorizar a identidade socio-cultural e linguística do país. Assim, o resgate das línguas reaviva a identidade étnica e recupera as memórias históricas. A marginalização das línguas nacionais promove o silenciamento dos seus falantes nos seus variados contextos, o que contribui ainda mais para o seu apagamento. É necessário que se desfaça a concepção “estigmatizadora” que o Estado criou em torno das línguas nacionais e se compreenda que elas constituem repositórios de saber, e que a sua perda representa uma perda de saber para a humanidade (Bernardo, 2018, p.54).

Para Saviani (2012) o silenciamento de práticas comunicativas de diferentes grupos pode ser considerado um exemplo de um acto de repressão que reflete os efeitos do poder que toma determinadas posições que venham a favorecer alguns e prejudicar outros. As línguas locais, constituem sem dúvida alguma, um factor de identidade. Elas são parte da história, da cultura e da memória dos povos.

Retomando Bernardo (2018), diz que na sociedade tradicional africana o mais velho é tido como uma biblioteca, um sábio que carrega consigo conhecimentos e experiências; sua perda se torna uma espécie de queima de um arquivo. Ele desempenha um papel preponderante na transmissão das tradições, dos valores socio-culturais e das sabedorias narradas por meio da oralidade. O mais velho foi

perdendo espaço de representatividade como fonte de conhecimentos que eram transmitidos através de histórias, lendas, provérbios, canções, etc., especialmente com o advento da chamada modernidade.

Segundo Reis (2011), com a colonização e as políticas “modernistas” do Estado, os jovens urbanos tendem a marcar sua identidade usando os idiomas de maior comunicação e visibilidade econômica, além de serem sensíveis à influência das políticas do Estado. Diante disso, os jovens tendem a desconsiderar a importância dos conhecimentos veiculados pelos mais velhos como fonte de sabedoria.

Para Martin (2002), a construção da identidade é marcada também por assimetrias de poder e por processos de inclusão e exclusão, o que eu sou, o que o outro não é, quem é igual a mim e quem é diferente de mim. A questão da linguagem e os sistemas simbólicos estão directamente implicados na construção da identidade.

Fica aqui evidente que as línguas são elementos essenciais de identidade cultural, temos que mantê-las vivas e, para tal, a revalorização das mesmas é essencial no contexto geral e em particular no seio escolar.

1.4 - A Política do Assimilacionismo

A aculturação dos povos de Angola foi uma preocupação da governação colonial portuguesa. Para tal foram tomadas várias as estratégias, medidas e políticas para se atingir tal desiderato.

A estratégia de assimilação foi o regime de compadrio, porque por intermédio do baptismo, os africanos tinham de adoptar nomes cristãos, sendo, muitas vezes, alguns africanos assimilados já convertidos que faziam as vezes de padrinhos. Essa foi, no entanto, uma estratégia utilizada para a consolidação dos primeiros laços entre os cativos e a sociedade escravista (Monteiro, 2005, *apud* Oliveira e Mesquita, (2019, p.12).

É possível compreender que as políticas e estratégias assimilacionistas resultaram em forte hibridismo cultural, o que é compreensível, tendo em conta que as identidades não são puras nem estáticas, mas sempre resultado de encontros por vezes conflituosos. Na perspectiva da teoria cultural contemporânea, hibridismo seria a mistura, a junção, o intercurso entre diferentes nacionalidades, entre diferentes etnias, entre diferentes raças. No

caso dos nativos, são processos de hibridização ou hibridação forçada, fruto de relações conflituosas ligadas a histórias de ocupação, colonização e destruição (Silva, 2014, p. 87).

Lamy (2014), ao falar sobre as políticas de assimilacionismo, diz que, as justificativas europeias da corrida para a África foram levar a civilização ou assimilação, a religião cristã, a liberdade de comércio, pôr termo à escravidão e permitir a pacificação no continente. O argumento de base era de que o ingresso africano no mercado internacional se traduziria numa evolução do continente, capaz de pôr fim às hostilidades entre os diferentes povos africanos.

Pura falácia. A realidade histórica mostrou precisamente o contrário.

A política de assimilação apesar de persistir durante vários tempos, e ser bem controlada e centralizada, Portugal não conseguiu com que ela se tornasse eficaz e vários obstáculos impediram o seu sucesso tais como: os tradicionais problemas em Portugal; a diversidade étnica da população africana; a insuficiência de equipamentos de ensino, saúde e assistência social; persistência do trabalho forçado; as atitudes hostil de certos colonos europeus face a assimilação dos africanos e a desintegração da autoridade e sociedade tradicional africana⁷.

Ainda segundo Lamy (2014), essa perspectiva europeia no final de século XIX implicava no desprezo do período imediatamente anterior, quando, durante longo tempo, se estabeleceram relações comerciais e políticas entre Estados europeus e os poderes locais africanos. Para adentrar e ocupar de maneira efectiva os territórios que tinham conseguido na partilha, as potências europeias recorreram à constituição de forças militares formadas por soldados africanos, medidas de assimilação, enquadrados por oficiais e sub-oficiais europeus.

Macagno (1996), diz que, se queremos chegar a entender os "usos e costumes" do colonialismo português em é preciso partir de uma visão de conjunto. Desta forma, não é possível falar de "usos" sem referência aos "costumes", ou melhor, não seria adequado falar dos aspectos "instrumentais" ligados ao princípio assimilacionista "civilizar" por meio do trabalho, por meio da imposição da língua portuguesa etc.

⁷ Abrão Jordan Caei, entrevista concedida no dia 28 de Março de 2022. Às 17:20

sem falar dos aspectos "representacionais" (tais como os discursos sobre a confraternização racial e a tolerância).

Ainda para Macagno (1996), o assimilacionismo conduz ao individualismo no seguinte sentido: a homogeneização, a incorporação de valores portugueses, implicam a possibilidade ainda que remota de que todos sejam iguais" perante a lei, de que todos se transformem em "cidadãos". De outro lado, o segregacionismo conduziria a um holismo no seguinte sentido: a manutenção das diferenças, o "princípio de contemporização dos usos e costumes", implicam uma hierarquização dessas diferenças colocadas em geral entre assimilados e "indígenas" num sistema total, num conjunto internamente diferenciado.

A assimilação dos indígenas pela sociedade branca e, sobretudo, a obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa para os nativos. Essa legislação dava aos indígenas total liberdade para dispor livremente de suas pessoas e de seus bens (Amoroso, 1992, p. 306).

É possível perceber que as políticas e estratégias assimilacionistas resultaram em forte hibridismo cultural, o que é compreensível, tendo em vista que as identidades não são puras nem estáticas, mas sempre resultado de encontros por vezes conflituosos. Na perspectiva da teoria cultural contemporânea, hibridismo seria "a mistura, a conjunção, o intercurso entre diferentes nacionalidades, entre diferentes etnias, entre diferentes raças. No caso dos indígenas, são processos de hibridização (ou hibridação) forçada, fruto de relações conflituosas ligadas a "histórias de ocupação, colonização e destruição (Silva, 2014, p. 87).

Outra estratégia da política de assimilação foi o regime de compadrio, visto que, por meio do batismo, os índios tinham de adotar nomes cristãos, sendo, muitas vezes, índios já convertidos que faziam as vezes de padrinhos. Essa foi, portanto, uma estratégia utilizada para a consolidação dos primeiros laços entre os cativos e a sociedade escravista (Monteiro, 2005).

Contudo, Podemos perceber que a questão indígena já foi alvo de diversas leis que na prática, não asseguravam direitos dos povos locais, apenas contribuíram para

a ideologia do assimilacionismo e para a hibridação e destruição de boa parte da cultura dos nativos.

CAPÍTULO II: A TRADIÇÃO ORAL NA CULTURA OVIMBUNDU DO HUAMBO

CAPÍTULO II: A TRADIÇÃO ORAL NA CULTURA OVIMBUNDU DO HUAMBO

2.1 - Localização Geográfica da Província do Huambo

A província do Huambo; situa-se na parte meridional do território de Angola, especificamente no planalto central. Limita-se ao norte com a província do Cuanza Sul, ao sul com a província da Huíla, à Ocidente com a província de Benguela e ao leste com a vizinha província do Bié.

A província do Huambo, administrativamente, está dividida em onze (11) municípios que são:

Bailundo, Longondjo, Mungu, Tchicala- tcholoanga, Katchiungo, Huambo, Caála, Ekunha, Longondjo, Ukuma e Tchindjendji. (Ntondo, 2002 apud Kadila, 2016, p. 241).

2.2 - A Tradição Oral como Fonte Histórica

Jan Vansina (1985), célebre historiador Belga, no prefácio da sua obra “A Tradição oral como história” traz um conceito do significado de tradição oral. Demonstra sua importância para as sociedades africanas, dando valor à memória e como essas populações a valorizam como experiência humana, capaz de refletir sobre o presente, e não como experiências estanques do passado:

A tradição oral só aparece quando é contada. Por momentos fugazes elas podem ser ouvidas; mas, na maioria das vezes, elas habitam apenas nas mentes das pessoas. O enunciado é transitório, mas as memórias não são. Ninguém nas sociedades orais duvida que as memórias possam ser repositórios fiéis que contenham a soma total da experiência humana passada e expliquem o como e o porquê das condições atuais (Vansina, 1985, p. 12).

Ainda sobre a temática Vansina, (1985, p. 30) diz que as tradições orais são uma fonte necessária e legítima para a produção histórica. Ao se debruçar sobre a problemática de sua importância e validade como fonte histórica, busca refletir sobre a lacuna da metodologia da História, caracterizando a tradição oral e nos conduzindo a conhecer as veredas que cercam as suas possibilidades como

método e seu legítimo valor histórico. Todas as mensagens aparecem no cotidiano actual e refletem ideias ou concepções de outros tempos, da mesma forma que os conhecimentos dos ancestrais. Em outras palavras, as tradições, como “processo”, são a “tradução de um momento”, pois são transmitidas de boca a ouvido, “representando elaborações da consciência histórica” dos grupos culturais na forma de desenvolvimento oral até que essas mensagens desapareçam em sua maneira original.

Mônica (2019), relata que se o passado e as experiências no presente são cruciais para refletir sobre as evidências históricas dos testemunhos orais, as tradições orais são capazes de sugerir outras vozes para interpretar o próprio mundo e as aspirações das sociedades colonizadas. Nesta conformidade, tanto Jan Vansina quanto Luise White e Laura Fair autores que se engajaram na autenticidade e validade das tradições orais como fontes históricas, expandindo e interpretando as experiências africanas por suas próprias vozes. Abrem possibilidades, então, para a apreensão das narrativas de sujeitos africanos ao reivindicar as tradições orais como fontes históricas.

Um estudo aprofundado sobre tradição oral deve ter em linha de atenção a atitude de uma civilização oral em relação ao discurso, uma atitude completamente diferente da de uma civilização onde a escrita registou todas as mensagens importantes.

Seguindo o mesmo pensamento Araújo (2010), descreve que uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, uma fonte histórica venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral. Ela pode ser definida, de facto, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda a parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas.

Thompson (1992), destaca que a tradição oral tem grandes potencialidades, que vão desde ao aperfeiçoamento e valorização das culturas de vários povos, assim como, da capacidade cognitiva que esses povos desenvolviam para além da análise de realidades, mas também para a reestruturação dos saberes. Nesse

contexto, os registros orais passaram a ter papel indispensável, pois representam a fidedignidade dos factos históricos. As fontes orais podem transmitir informações 'fidedignas', assim sendo, estas não podem ser vistas como mais um documento qualquer, haja vista que essas fontes tem um valor extraordinário.

Segundo Mafalda (1998), as sociedades de tradição oral, a memória, que preserva a história das comunidades, ancora na palavra, e essa função confere-lhe um poder supremo. Em culturas onde não existe a escrita, o homem está intrinsecamente ligado à palavra que profere. Está é permanentemente comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. E a própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra.

Para Monteiro (2014), em África, sobretudo na chamada África subsariana ou África negra, e apesar do processo secular de ocidentalização, a palavra continua a ser, como atrás se disse, uma instituição; é o alicerce que regulamenta a vida social e comunitária. A palavra proferida ocupa o primeiro lugar em todas as manifestações da vida africana, sejam elas artísticas, sociais, clânicas ou religiosas. Com valor simbólico, dinâmico e vital, a palavra é uma das principais ferramentas de transmissão e de manutenção do património cultural ancestral.

Na opinião de Dutra (2015), a tradição oral compromete completamente o mundo simbólico da história de vida de quem a estuda, porque só é compreensível por meio da vivência de cada palavra que ouve e de rituais indicatórios. Assim é preciso aprender com a tradição oral. A tradição oral é indissociável da linguagem corporal e nela se confunde até não ser possível entender onde começa uma e termina outra. A mão, o olho, a boca, ou seja, os elementos do narrador são reforçados a palavra falada e vice-versa.

A tradição oral é guardiã da história e da memória entre muitos povos africanos, sendo preservada, principalmente, por homens sábios, que foram e são responsáveis por manter a memória viva dos factos e feitos de seus antepassados. São poetas, músicos, dançarinos, conselheiros. Por isso, são denominados, de modo geral, como contadores de história (Souza, 2005, p. 85).

Dessa forma, podemos afirmar que o respeito à fala está também ligado ao respeito aos ancestrais e aos anciãos, sendo estes, fontes de histórias valorizadas e perpetuadas pelos africanos.

2.2.1 - Os Ovimbundu e o Respeito pela Oralidade

A oralidade é o veículo pelo qual se transmitem e se preservam os conhecimentos, os hábitos e costumes, as crenças, a filosofia e a memória colectiva de um povo. Logo, nesta secção abordamos a importância da oralidade nos Ovimbundu. Para enriquecer a exploração da temática é feita aqui uma abordagem intercalada entre o valor e importância da oralidade no contexto africano com o valor e importância da oralidade nos Ovimbundu.

Altuna (2014), falando sobre a importância da e a valorização da oralidade, relata que a África não possui escrita mais isto não impede que conserve um passado e que os seus conhecimentos e cultura sejam transmitidos e conhecidos. A palavra ocupa o primeiro lugar nas manifestações artísticas, no culto religioso, na magia e na vida social. Para além do seu grande valor dinâmico e vital, é praticamente o único meio de conservar e transmitir o património cultural.

Neto (2012), diz que apesar de que a educação realizada nos grupos fosse transmitida de forma oral, os meios usados para essa transmissão permitiram com que as pessoas conseguissem preservar os valores culturais como as línguas nacionais e outros valores da cultura. Contudo, esse desiderato da preservação é mais evidente nos espaços que compreendem às sociedades tradicionais mais homogêneas, do que nas sociedades com maior influência ocidental e tidas como sendo menos homogêneas.

Para António (1996), os Ovimbundu em estudo, a oralidade constitui capital importância para a transmissão da filosofia de grupo; a crença nos espíritos dos antepassados é indiscutível, sendo uma premissa básica para a continuação do seu legado. As canções, a par de muitas formas de literatura oral, permitem que essa filosofia e cosmovisão sejam transmitidas.

Retomando as abordagens de Altuna (2014), a tradição oral é a biblioteca, o arquivo, o ritual, a enciclopédia, o tratado teológico e a filosofia da África negra. E não ficam de fora a dança, a escultura, os jogos e a música para completar o patrimônio cultural negro-africano. Entretanto, a narração reveste-se com significados que mobilizam e configuram a comunidade, é acompanhado pelo ritual próprio, reeditando o mundo ideal das acções justas e dos heróis da tradição que não se analisam pela óptica ocidental.

Segundo Filho e Alves (2018), a oralidade os africanos interligam-se numa dinâmica que fundamenta suas existências e relações. Toda palavra tem um valor moral e reflete a magia do que é sagrado. Isso não é um caso isolado, embora a África seja um continente vasto, mas é sabido que quase toda sua extensão, talvez podemos dizer toda sua população, (ou parte dela) se apropria da fala como ponto pacífico de ligação com o outro, de transmissão de conhecimentos. A fala é utilizada em actos religiosos, educacionais, convencionais que demonstram sua importância.

Na visão de Mankenda (2011), a preservação da tradição oral é igualmente da responsabilidade dos mais velhos, dos mestres da palavra e dos iniciados, que transmitem toda a sabedoria que têm gravada na memória aos neófitos, ao grupo e à população em geral, nas reuniões, nos óbitos e nas festas, para que não morra com eles, mas fique para as próximas gerações. Os mais velhos são exímios contadores e iniciadores, que, no ato de contar uma história, recriam rituais dos seus antepassados; assim, preparam e embalam a plateia que toma parte da encenação e dela participa, com cânticos, dança, aplausos, assobios e gritos.

Verifica-se facilmente que as canções são uma constante nas culturas Ovimbundu; elas brotam da alma do povo e têm como função utilitária para as comunidades a passagem do testemunho dos hábitos e costumes, do pensamento e da filosofia que forjam as suas culturas, pois elas são cantadas em todos rituais e em todas as atividades dos grupos. Ao darem valor a oralidade, os Ovimbundu, por meio de canções reforçam e consolidam uma harmonia social estabelecida na base de regras e normas de convivência em grupo, a que todos obedecem e que procuram conservar Monteiro (2014, p.38).

Para Binja (2020), o facto de palavra ocupar o primeiro lugar nas manifestações artísticas, nos cultos religiosos, nas cerimônias festivas ou fúnebres, vale dizer, dos acontecimentos da vida social Bantu, além do seu grande valor dinâmico e vital é

praticamente o único meio de conservação e transmissão do patrimônio cultural Bantu. E é assim que se compreende o predomínio da história entre os negros africanos. Apesar da força corrosiva desses processos em que está submetida, a oralidade ecoa na consciência e no imaginário do negro africano no continente ou na diáspora, afirmando os seus valores e dando sentido a própria existência.

Segundo Zinga (2015), a educação oral das etnias é exercida mediante os contos, os provérbios, as histórias, os mitos, a música e dança, ou seja, em todas as manifestações culturais dos membros da etnia. Essa aprendizagem que se processa com base na tradição oral como testemunho transmitido de geração em geração. O autor aponta que esta foi também uma das aprendizagens identificada por Durkheim numa perspectiva de transmitir os conhecimentos das gerações mais velhas para as mais jovens, constituindo-se desta maneira uma forma de perpetuar saberes que identificam o grupo social.

Nunes (2009), afirma que:

“A tradição oral é a principal fonte histórica que pode ser usada para a reconstrução do passado de muitos povos: são fontes históricas cujo carácter próprio está determinado pela forma que se reveste. E têm a particularidade de que se consolidam de geração em geração na memória dos homens e de cada grupo” (Nunes, 2009, p.37).

Na mesma linha de ideias, Bhabha (1998) diz que os Ovimbundu são defensores implacáveis da sua cultura e da oralidade, pois fixaram no seio do grupo o orgulho na conservação da língua, da tradição, dos usos e costumes, transmitidos estes para as gerações vindouras pela oralidade nos mais variados ritos que se realizam dentro da comunidade. Respeitam os antepassados, pois foram eles que, ao longo da sua vida terrena, conseguiram garantir para as gerações futuras, a herança e a continuidade cultural do seu povo. E nos momentos de alegria, de tristeza, de calamidades naturais e de qualquer outro infortúnio.

Segundo Parafita (2005), a tradição oral designa a transmissão de saberes feita oralmente, por um povo, de geração para geração. Estes saberes tanto podem ser os usos e costumes das comunidades como podem de igual modo ser os contos populares, as lendas, os mitos e muitos outros textos de carácter normalmente breve que o povo guarda na memória, como os provérbios, as orações, as lengalengas, as adivinhas, as fórmulas mágicas, os cancioneros, os romanceiros,

etc. Também são conhecidos como património oral ou património imaterial. Através deles cada povo marca a sua diferença e se encontra com as suas raízes, num importante processo de construção contínua da sua identidade cultural.

Monteiro (2014), sobre a importância da tradição oral afirma que no seio das comunidades, a oralidade transmite-se sobretudo nas escolas de iniciação, que são os principais locais para a aprendizagem da herança cultural deixada pelos ancestrais para o engrandecimento e crescimento do povo. Embora as escolas de iniciação e os rituais a elas ligados sejam menos importantes nos meios urbanos, elas continuam a ter uma grande importância nos meios rurais. O autor, diz ainda que a tradição oral transmite-se também nas rodas de dança, à volta da fogueira, nas reuniões com os mais velhos, nos óbitos e nas festas e, no dia-a-dia, ao ar livre, nos jogos de crianças e adultos, bem como nas brincadeiras infantis.

Machado (2006), ao analisar a oralidade dentro dos Ovimbundu, considerou que ela é a grande escola da maioria dos povos africanos. As culturas africanas não são isoladas da vida. Aprende-se observando a natureza, aprende-se ouvindo e contando histórias. Nas culturas africanas e principalmente para os Ovimbundu tudo é história. A grande história da vida compreende a história da terra e das águas, histórias dos vegetais e a história dos astros.

Para Nascimento e Ramos (2011), a valorização da tradição oral, na África, longe de significar apenas um meio de comunicação, é de igual modo uma forma de preservar a sabedoria da ancestralidade. Dessa forma, a palavra transmitida na oralidade conduz a herança ancestral tão valorizada pelas culturas. Os griots relatam as histórias ouvidas de seus antepassados, que por sua vez, são ouvidas entres as gerações seguintes.

Segundo Zinga (2009), a relação entre os colonizadores e os africanos não ajudou a sustentabilidade e a manutenção de suas tradições africanas. Na cultura africana no geral, e na dos Ovimbundu em particular, é impensável haver qualquer evento, acto ou manifestação que não se observa o envolvimento da oralidade, primeiro como instrumento de comunicação ao qual todos se identificam e, segundo como catalisador da solidariedade entre os africanos.

Logo, podemos compreender que as tradições marcam as experiências e vivências dos povos africanos, pois carregam em seu interior toda a riqueza de seu povo, se materializam por meio das acções e interacções das pessoas, se revigoram e se perpetuam através da oralidade. Tal como veremos no tema a seguir.

2.2.2 - O Valor da Palavra nas Comunidades Ovimbundu

Nas sociedades tradicionais africanas a palavra sempre desempenhou importante função na transmissão de saberes, é através da palavra que as relações sociais se materializam. Nesta conformidade, no presente tema abordamos sobre o valor da palavra nas comunidades Ovimbundu.

De acordo com Oliveira (2003), para os Ovimbundu a palavra dentro das suas comunidades é um dos princípios da cosmovisão, ou melhor, a partir do uso da palavra é que se pode compreender e se relacionar com o mundo, posto que é um instrumento de saber tendo, contudo, origem divina, mas que é relacionada com as actividades humanas. A palavra possui um vínculo muito estreito com a dimensão histórica, uma vez que é por meio dela que são estabelecidos elos com o conhecimento e com sua transmissão.

Oliveira, Magalhães e Ferreira (Sd), falando sobre o valor da palavra afirmam que o maior diferencial da filosofia africana em relação ao conceito ocidental convencional é que se fundamenta no valor da palavra e que ela tem carácter sagrado e transversal. Há uma vibração energética que movimenta o mundo visível e invisível dando força espiritual à palavra em todas as suas formas de expressão. A sacralidade da palavra é mostrada através dos mitos que contribuem para uma compreensão dos valores civilizatórios vivenciados em intensidade.

As comunidades que têm como base suas tradições orais compreendem a força ancestral que as palavras carregam, e por isso faz da oralidade meio pelo qual suas vivências ganham sentido, seu modo de fazer as coisas são assim pautados por uma tradição oral, que é viva, fortemente pulsante e útil. E os Ovimbundu também carregam consigo o valor da palavra dentro das suas comunidades. Para eles, a

palavra tem uma função essencial nas suas comunidades, visto que permite não só a conexão com os presentes, mas também com a ancestralidade⁸.

Para Zumthor (1993), nas comunidades Ovimbundu, a palavra é um vector de tradições ao mesmo tempo em que se constrói como património cultural, pois além da transmissão de saber ancestral se apresenta também como fonte de preservação de sua história, de sua cultura e religiosidade. As pessoas lutam pela manutenção de sua cultura e preservação de suas histórias. Pois essas tradições se constituem um elemento importante na definição positiva da identidade negra de um povo.

Serrano e Waldman (2010), afirmam que a palavra falada para o grupo Ovimbundu, além do seu valor moral fundamental, possui carácter sagrado, que a associa com uma origem divina e com as forças ocultas nelas depositadas. A palavra pode retirar do sagrado o seu poder criador e operacional, encontrando-se em relação directa tanto com a manutenção quanto com a ruptura da harmonia, seja do homem, seja do mundo que o cerca. Isso porque para os humanos, uma vez constituído suporte privilegiado da força vital que anima a palavra, tornam compreensíveis os contextos tanto da magia, da religião, e do social no qual se situa o respeito pela palavra nas sociedades de tradição oral.

Segundo Malumbu (2005), para os Ovimbundu, não existe melhor método de introduzir as pessoas em novos conhecimentos e de as forjar nos usos, nos costumes, nas tradições e nas crenças senão através da participação directa nas manifestações sociais dessas atividades. As narrativas orais, assim como os outros textos materializados com o código oral, como o provérbio e a advinha, são também tidos como objecto de ensino-aprendizagem.

Retomando as ideias de Zumthor (1993), a palavra dentro da comunidade Ovimbundu reveste-se de um importante valor moral e sagrado, porque está vinculada ao divino. É dela que é feito o contacto com o mundo invisível e se mantém um diálogo contínuo com os antepassados. A palavra é, portanto, poder e deve ser manejada com cautela, sob pena de a ira dos antepassados recair sobre

⁸ Laurinda Castro, entrevista concedida no dia 26 de Março de 2022, às 17:00.

parte da população e dizimá-la. Os antepassados só devem ser abordados mediante uma cerimónia ritualística para o efeito.

2.3 - O Ancião e o seu Papel dentro da Comunidade Ovimbundu

Os aspectos de abordagem ligados a oralidade, a palavra e o papel do Ancião na comunidade no contexto da cultura africana se interligam e se complementam. O ancião pode ser descrito uma figura responsável pela união de todos os tecidos sociais dentro da comunidade Ovimbundu.

De acordo com Silva (1994), “um ancião é o ‘fio’ que cose a multidão”. Essa percepção do ancião como um dos promotores da coesão social, como regulador e fundamentalmente como intermediário de mundos, dialoga com o que se subentende de um ancião em outros pontos geográficos. Na cultura dos Ovimbundu, o papel do ancião representa a autoridade, mas não quem pensa e decide por todos. As decisões são tomadas em conselho, de acordo com a experiência e a sabedoria dos velhos do grupo. Os anciãos encarnam os antepassados, com uma força vital vinda do passado, formando uma dinastia.

A memória das comunidades Ovimbundu são transmitidas continuamente pelos anciões sob forma de histórias, contendo conhecimentos, princípios e valores que preservavam, o sentido agregador enquanto família e vinculação à terra. Portanto, o acto de lembrar está na essência das tradições que sustentam a organização comunitária e formas de governar nessas sociedades. Assim a comunidade reverencia os seus ancestrais conservando os valores de convivência que estão na memória como um jeito de ser, pertencer e participar (Machado 2006).

O ancião dentro da comunidade Ovimbundu, é visto como depositário de conhecimentos, saberes e manifestação de saberes que são ministrados às novas gerações, como forma de manter viva a ancestralidade das tradições que sustentaram a existência desses povos. O ancião é consultado, eventualmente, sempre que for necessário para resolver situações que estão relacionadas com a comunidade, seu passado, presente e como se pode começar a observar o futuro. Durante muito tempo se pensou que os povos sem escrita são povos sem cultura. A África negra não possui escrita, mas isto não impede que conserve um passado e que os seus conhecimentos e cultura sejam transmitidos e conhecidos (Zinga, 2015, p.73).

Monteiro (2014), diz que em tempos recentes, nas periferias das cidades, as pessoas costumavam reunir-se à volta da fogueira e essa fogueira tanto podia ser feita de lenha ou feita num fogareiro para contarem ou ouvirem contar histórias que os anciãos vão passando, contos, lendas, genealogias etc., sempre acompanhadas de canções e com a participação de todos, enquanto se aquecem juntos. Era comum ver os mais velhos a desempenharem os seus verdadeiros papéis dentro da comunidade, a sentarem-se com os mais novos para lhes ensinarem os hábitos e costumes do seu povo; mas, hoje em dia, estes costumes só acontecem em lugares mais remotos, normalmente no mundo rural.

Pelo facto do “Mundo rural, ainda estar a desempenhar o papel acima exposta ganha o susto lugar de “baluarte da cultura africana”, isto é, é lá aonde ainda pode-se encontrar as algumas características genuínas da cultura africana.

Os anciãos são excelentes contadores e iniciadores, que, no acto de contar uma história, recriam rituais dos seus antepassados; assim, preparam e embalam a plateia que toma parte da encenação e dela participa, com cânticos, dança, aplausos, assobios e gritos. Logo, um ancião dentro da comunidade Ovimbundu desempenha um papel vital. Ele é o transmissor dos saberes que dizem respeito à comunidade (Ramos 2011, p.5).

Machado (s/d) ressalta que todos os mais velhos são responsáveis pelos mais novos. E todos os mais novos desejam e confiam nos ensinamentos dos mais velhos. Essa confiança é fortalecida pela responsabilidade com a palavra dita. Sendo a transmissão oral de grande importância para os africanos, passando entre as gerações, os depositários se encarregam de transmitir o que lhes foi ensinado pelos anciãos preservando as memórias colectivas e histórias de seu povo. Num exercício constante de fala, escuta e memorização, os africanos se organizaram ao longo dos tempos e erigiram seus grupos familiares e comunitários.

Segundo Joaquim e Luís (2015), os anciões para os Ovimbundu na cidade do Huambo, são transmissores orais da cultura e história de seu povo, o seu papel é extremamente importante para conservação de suas tradições e costumes. Existe um interesse pela transmissão fiel dos saberes.

Ramos (2011), afirma que as narrativas orais, ouvidas dos anciãos, não podem ser percebidas como invenções particulares, uma vez que mesmo se configurando como histórias pessoais, são influenciadas, indubitavelmente, pela voz narradora, seu meio de interação, suas ordens morais, sociais e outros aspectos. É lícito dizer que, pelo exercício de contar e recontar histórias sustenta-se a ciência do sujeito sobre si mesmo e sobre os outros com os quais interage em comunidade. O ancião passa a sabedoria nas novas gerações, e esta sabedoria vai se perpetuando ao longo dos tempos.

Com os velhos é que se pode promover a continuidade da cultura e da educação da gente adulta do presente e dos pósteros, das gerações futuras, pois permitem, em sua experiência, reviver o que já passou, como as histórias e tradições de um tempo ido, mas que permanecem, de alguma maneira, nos rastros de suas lembranças partilhadas, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias (Bosi, 2004, p. 74).

Do exposto percebe-se que a cultura é a alma dos povos e os ensinamentos dos Anciãos são alicerces da constituição das sociedades africanas, assim como as palavras proferidas pelos mais velhos têm importância e veracidade inquestionável para os seus. A tradição oral ou as palavras proferidas pelos mais velhos preservam a história, as tradições, os hábitos e costumes das nossas sociedades.

Conservar a memória colectiva das populações Ovimbundu do Huambo implica a manutenção do património das tradições orais. Os tensos processos de ruptura e descontinuidades experimentadas não podem ser esquecidas, mas, sempre lembrados, refletidos, recontados, de geração a geração, juntamente à divulgação dos matizes que caracterizam a cultura e as tradições dessa província e das suas populações. Rememorar, pois, constitui exercício demasiadamente auxiliador das interpretações do presente que se constrói paulatinamente⁹.

Uma das características que sustentam as culturas africanas é a tradição oral. A mesma é operacionalizada pela faculdade e habilidade da oralidade e com ela o

⁹ Laurinda Castro, entrevista concedida no dia 22 de Março de 2022, às 18:10.

uso sábio da palavra pelos anciãos. A tradição oral é praticamente o repositório da cultura, história e vida espiritual das comunidades africanas. A oralidade, como já referido, é a faculdade e habilidade de passagem de todos aspectos vitais das comunidades para as gerações mais novas como condição indispensável para a preservação da cultura, história e vida espiritual das comunidades africanas, em geral e Ovimbundu em particular.

CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Conclusão

Depois de ter-se feito uma análise geral sobre o papel e o lugar da tradição Oral nas sociedades africanas contextualização da cultura Ovimbundu do Huambo, concluímos que:

- Os contadores de história Bantu e, em particular os de Ovimbundu conhecedores e detentores da sabedoria cultural do grupo ou do povo continuam a ser os guardiões da cultura, história e sabedoria ancestral dos povos que representam. A missão quotidiana destes tem consistido na transmissão dos legados que conformam a identidade cultural das comunidades.
- A palavra continua a ter um significado importante para a comunidade Ovimbundu da província do Huambo. Para além de ser um meio de veicular tudo que é essencial de e para a comunidade, ela é em si um factor cultural associado a oralidade como faculdade e habilidade intrínseca dos povos desprovidos outrora da escrita e que hoje mesmo dominando a escrita não abdicam esta especificidade cultural dos povos africanos ao sul do Saara.
- O ancião é um elemento chave no contexto da tradição oral. O mesmo cumpre a religiosa função de unir o começo ao fim. Guardião do tesouro espiritual e das tradições da comunidade. Através do ancião chega uma diversidade de conhecimentos aos mais novos e não só, usando o reportório da sua experiência e força da sua memória.
- Para finalizar concluímos que a oralidade nas sociedades africanas e nas comunidades Ovimbundu do Huambo, têm enorme valor, ela faz reviver o passado solidificando assim, os saberes endógenos. As memórias das comunidades Ovimbundu são transmitidas com recurso a tradição oral pelos anciões sob forma de histórias, contendo conhecimentos, princípios e valores que preservavam os sentidos e a essência da identidade cultural Ovimbundu.

Sugestões

De acordo aos objectivos da nossa pesquisa, e as informações recolhidas por parte dos nossos entrevistados, e as conclusões do presente trabalho, sugerimos que:

- ✓ Deve ser aproveitado o potencial educativo das tradições orais africanas e especificamente as da comunidade Ovimbundu do Huambo;
- ✓ Que os estudiosos e especificamente os antropólogos intensifiquem reflexões capazes de produzir conhecimento suficiente que ajude a anulação dos preconceitos em volta da tradição oral africana;
- ✓ Os saberes culturais devem ser formalmente transmitidos de geração em geração;

- ✓ Que as entidades Ovimbundu da província do Huambo assumam a dianteira com vista a dar-se mais valor as tradições orais como forma de preservação da nossa identidade cultural.

- ✓ Que se promova palestras, seminário, debates, e em outros espaços de reflexão de forma a enriquecer-se o leque de conhecimento dos estudantes sobre a relevância da tradição oral nas comunidades Ovimbundu Angola e não só.

BIBLIOGRÁFIA

Bibliografia

ALTUNA, R. (2006) Cultura tradicional Bantu. Portugal. Ed. Paulinas.

BOSI, E. (2004), Memória e sociedade: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras.

BONVINI, E. (2001) Tradição oral afrobrasileira: As razões de uma vitalidade. Projecto História. São Paulo.

BHABHA, K. (1998). Ética e estética do globalismo: uma perspectiva Pós-colonial.

BÂ, A. (2010) Amkoullel, o menino Fula. São Paulo: Casa das Áfricas/Palas Athena.

CASAROTTO, A. & DILL, T. (2006) Metodologia Científica. Universidade do Oeste de Santa Catarina

CAVALCANTE, A. E XAVIER, A. (2017) História oral e tradição oral africana: a construção de saberes.

DUARTE, Z. (Sd) Tradição Oral nas Sociedades Africanas,

MOURA, G. (2015) Manual Técnico de Metodologia Científica: Como Desenvolver Pesquisas e Redigir Trabalhos em Cursos de Graduação e Pós-Graduação. Centro Paula Sousa, São Paulo

MARTINS, R. (2010) Como tornar agradável a elaboração de trabalhos académicos. Ed. Juria.

MARCONI, E. LAKATOS, M. (2010) Metodologia de Investigação Científica. Editora Atlas

MACAGNO, P. (1996) A Política Assimilacionista em Angola.

MACHADO, V. (2006) A Tradição oral e vida africana e afro-brasileira. Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares

HALBWACHS, M. (2006) A memória colectiva. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro.

MÔNICA, P. (2019) Coisas Antigas Continuam no Ouvido: a tradição oral africana como fonte histórica. Faces da História, V6 N°1

PARDAL, M. e LOPES, F. (2013) Metodologia de Investigação Científica.

RAMOS, H. (2011) A Tradição Oral dentro das Sociedades africanas.

SILVA, T. T. (2014) Da. A Produção social da identidade e da Diferença. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Ed. Petrópolis: Vozes.

WALDMAN, M. (2010) Memórias de África: a temática africana em sala de aula; São Paulo: Cortez,

VANSINA, Jan. (1985) Oral Tradition as History. United States of America: The University of Wisconsin Press.

Outras Fontes

Artigos

BINJA, M. (2020) A Importância da Oralidade em África.

DUTRA, G. (2015) As culturas africanas e a colonização. Lisboa, 1ªEd.

FILHO, E. E ALVES, J. (2018) A Tradição oral para povos africanos e Afrobrasileiros: Relevância da palavra. Revista da ABPN • v. 9, Ed. Especial - Caderno Temático: Saberes Tradicionais.

MONTEIRO, P. (2014) Desdobramentos contemporâneos no estudo das Religiões.

NASCIMENTO, L. e RAMOS, M. (2011) A memória dos velhos e a valorização da tradição na literatura africana: algumas leituras. Revista Crítica Cultural

NETO, M. (2012) Mistificações da Colonização de 1989 Angola no século XX.

SOUSA, J. (2005) A Colonização e suas Desvantagens. Belo Horizonte

THOMPSON, E. (1992) A voz do passado História oral. Rio de Janeiro: Paz e terra.

Dissertação de Mestrado

JOAQUIM, C. e LUÍS, S. (2015) Umbundu e Português: Uma Pedagogia Preventiva.

ZUNTHOR, P. (2010) A Oralidade Poética. In: Introdução à Poesia Oral. Belo Horizonte.

ZINGA, M. (2015) Formas de Representação da cultura tradicional de Cabinda em processos educacionais das Bakama.